

RESUMO E DISCUSSÃO

Elzahrã Osman¹

Oh worldless world,
You are like us a compound thing,
But whereas we divided you combined.
– SZERSZYNSKI, *Cosmic Hail*

Indeterminação é uma das coisas mais importantes que temos como fungos. Em algumas formas, nós somos muito mais criativos que humanos. Olhe para você, preso no mesmo corpo por toda a sua vida. Tudo o que você pode fazer depois de chegar à adolescência é deteriorar. Tente crescer um novo braço ou um novo cérebro. Hah! Nós fazemos o equivalente. Nós crescemos e mudamos por toda a nossa vida. Nosso formato reflete nossa experiência: estendendo aqui ou ali, amontoando, como uma teia ou linear, simétrico ou irregular. Para aqueles de nós que se tornam mosaicos, nós adicionamos novo potencial genético através do qual nós desenhamos outras formas criativas e respostas. Você pensa que não humanos são autômatos, capazes de ação pré-programada. Nada poderia ser mais distante da verdade. Nós, como vocês, ajudamos a fazer o mundo através de ação indeterminada².

Neste trecho, Anna Tsing in-corpora as experiências de um fungo em sua longa viagem intercontinental em busca de novas e possíveis habitações em paisagens multiespécies. O trecho convida-nos a observar sociabilidades diversas das humanas enquanto nos pergunta também sobre nosso excepcionalismo: conseguiríamos constituir mundos sem os fungos ou sem as bactérias que nos habitam? Mais ainda, quanto da agência que pensamos possuir assemelha-se a de um fungo? Talvez menos do que gostaríamos se meditarmos sobre o fim do mundo como o avizinhamos, e talvez tanto mais quando confabulamos ao forjar “um novo braço ou um novo cérebro”, junto às ficções científicas de Octavia Butler. A ficção narrativa sobre a vida de um fungo e a ficção

¹ Elzahrã M. R. O. Osman possui graduação em Ciência Política e em Filosofia, ambas pela Universidade de Brasília (UnB), mestra em Bioética (UnB) e doutoranda em Filosofia (UnB). O mestrado em Bioética versou sobre o pensamento decolonial e o feminismo islâmico contemporâneo, dissertação orientada pela antropóloga Rita Laura Segato. Atualmente realiza pesquisa doutoral em filosofia (2º-2018) na linha de Filosofia Política do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade de Brasília, sob orientação do professor Hilan Bensusan. A pesquisa procura estabelecer um diálogo entre a metafísica ocidental e seus outros, aqui recepcionados a partir dos aportes fornecidos pelos estudos sobre a colonialidade (pós-coloniais e decoloniais). É pesquisadora das áreas de metafísica e epistemologia com interface em estudos sobre a colonialidade, e atua nos grupos de pesquisa: "Anarchai: Metafísica e políticas contemporâneas", e "Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia". É também Pesquisadora-Tecnologista do Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (MEC), atuando na área de avaliação do Sistema Básico de Educação brasileiro.

² Anna Lowenhaupt TSING, “Strathern além dos humanos: testemunhos de um esporo”, in *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno* (Brasília: IEB Mil Folhas, 2019, p. 63-86), p. 74.

científica produzida por mulheres mostram-se cada vez mais aptas a nos auxiliar a preparar mundos senão pelo fato de que o niilismo enquanto vontade de potência levará consigo o mundo como o conhecemos, mas também porque nos deixará como saída o “viver nas ruínas”³.

Este volume é uma longa viagem ao que a editora Sofya Gevorkyan e o editor Carlos A. Segovia chamaram de *possible worlds*⁴. Os/as colaboradores/as vêm de diferentes continentes e desenham em seus textos novas paisagens, quase sempre atuais, além das que se avizinham por meio de uma abertura ao porvir. O que está em jogo nesta viagem é em que companhia a faremos (ou até mesmo se a faremos) e a quais lugares será possível chegar ou preparar (“worlding”⁵), tendo como ponto de partida e necessariamente “o fim deste mundo”⁶, como nos exorta a filósofa brasileira Denise Ferreira da Silva, aludindo a Frantz Fanon.

O artigo **How Could We Drink Up the Sea? Technological Nihilism and Dwelling**⁷, de Casey Rentmeester é o texto mais próximo de nos apresentar o cenário do niilismo desde o diagnóstico nietzschiano, e bem a metafísica da subjetividade – a imagem de mundo (concebido, representado e produzido) à semelhança do homem - como vislumbrado por Martin Heidegger. O principal diagnóstico do niilismo – como nos lembra a epígrafe deste texto disposto no belíssimo poema de Bronislaw Szerszynski⁸ – é o fracionamento do mundo para melhor investigá-lo e consumi-lo, sem antropofagia ou transcendência possível. O título do artigo remete, pois, a uma pergunta de Nietzsche na parábola do homem louco, retoma e reposiciona historicamente a metáfora para evidenciar o que o autor chamará de “Bestance mentality” – estamos todos os entes do mundo à disposição (*Bestand*) como meros recursos por meio da tecnologia moderna ou “technological nihilism”. Lembremos que em Heidegger o homem não apenas dispõe da técnica como é disposto por ela. Esta é a *Epoche* da essência da técnica, estamos todos à disposição de uma “maquinação de mundo”. Para Rentmeester, no entanto, há que se apontar para uma peculiar agência humana sobre a terra. É neste sentido que o autor intenta demonstrar a prevalência ética da “ecofenomenologia” relativamente a outras vertentes tais como a “land ethic”, “deep ecology” e o “ecofeminism” daquilo que no texto ele nomeia de filosofia do meio ambiente (“environmental

³ Idem.

⁴ GEVORKYAN, Sofya; & SEGOVIA, Carlos A. From Worlds of Possibles to Possible Worlds – or, Dionysus and Apollo after Nihilism. In *DasQuestões*, Vol. 13, n.1, dezembro de 2021, p.59.

⁵ GEVORKYAN, Sofya; & SEGOVIA, Carlos A. Foreword. In *DasQuestões*, v.13, n.1, dezembro de 2021. p. 1.

⁶ daSilva, Denise Ferreira. “Para uma poética negra feminista: a busca/questiona da negridade para o (fim do) mundo” [2014]. In: da SILVA, Denise Ferreira. *A dívida impagável*. Silva, Denise Ferreira da. Trad: Amílcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Forma Certa, 2019. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>.

⁷ RENTMEESTER, Casey. How Could We Drink Up the Sea? Technological Nihilism and Dwelling. In *DasQuestões*, v.13, n.1, dezembro de 2021, p. 12-29

⁸ SZERSZYNSKI, Bronislaw. CosmicHail. In *DasQuestões*, v.13, n.1, dezembro de 2021. p. 166-167.

philosophy”) – a relação do ser humano com o “natural world”. E assim o é porque a ecofenomenologia seria o campo de reflexão apropriado para pensarmos o Antropo-ceno naquilo que diz respeito ao impacto devastador de uma certa agência humana sobre a paisagem “aérea, terrena e marítima” do planeta. Ele nos diz: “to me, the Anthropocene is evidence that the anti-anthropocentrists need to change their narratives: we must acknowledge that human beings are similar to other living beings biologically, but are different nonetheless, and doing so requires an anthropocentric approach”⁹. O pensamento filosófico de Heidegger orienta o pensador Rentmeester a nos apresentar a dualidade supostamente aposta na modernidade entre o niilismo tecnológico contemporâneo, apto a progredir infinitamente em direção à utilização de todos os recursos disponíveis (*Bestance*) – até inclusive terminarmos de beber toda a água do mar – e bem, a um habitar ou uma morada no Antropoceno desde a (φύσις) *physis*, uma “poetics of dwelling”. De modo a clarear a posição do autor, o texto apresenta-nos situações onde a tecnologia pode ser utilizada de modo exponencialmente predatório para depois nos apresentar o que seria viver em acordo com a *physis*, ao apontar modos de vida em conjunção com a comunidade e a natureza, onde as coisas possam se apresentar e serem usufruídas ao seu próprio tempo. Esses não são mundos de possibilidades, mas mundos possíveis porque já em ato. Restaria saber se haveria tempo para que um recuar da *Bestance* em favor da *physis* impediria o aprofundamento do Capitaloceno, se tal re-encanto do mundo, ainda que bastante democrático relativamente a experiências existentes no norte e no sul global poderia nos salvar a todos de modo igualitário ou apenas ainda aqueles detentores de algum tipo de recurso sobre a Terra. De todo modo, encontramos alguns contrapontos a Rentmeester nos artigos analisados abaixo relativamente, não relativamente a uma nostalgia conservadora pré essência da técnica, mas tão pouca alguma crença num positivismo progressista (aceleracionista), senão a um novo começo.

Também Léna Balaud & Antoine Chopot em seu artigo **Suivre la forêt. Une entente terrestre de l’action politique**¹⁰ nos apresentam mundos possíveis atuais, porém esses não se dão por meio de modelos comunitários de viver na terra em oposição ao “niilismo tecnológico” como no texto de Rentmeester, mas por meio de “des capacités à restaurer des milieux vivables, à soutenir une vie plus autonome du marché, mais aussi à faire obstacle à des projets néfastes et à guider des formes d’action collectives”¹¹, modelos de atuação construídos pelo que os autores

⁹ RENTMEESTER, Casey. How Could We Drink Up the Sea? Technological Nihilism and Dwelling. In *DasQuestões*, v.13, n.1, dezembro de 2021, p. 16.

¹⁰ BALAUD Léna; & CHOPOT, Antoine. Suivre la forêt: Une entente terrestre de l’action politique. In *DasQuestões*, v.13, n.1, dezembro de 2021.

¹¹ Idem, p. 137-138.

chamam de solidariedades (ou alianças) entre humanos e não-humanos. Compreendem, pois, a necessidade de unificar a base de ação política daquilo que chamam de “as duas posições do debate político e ecológico”: os anticapitalistas compreendem o Capitaloceno enquanto a era geológica cuja deflagração advém de uma oposição brutal entre natureza e cultura, humano e não humano e, pois, ao vislumbrar a natureza enquanto recurso a separou irremediavelmente da ação política. Já os antiespecistas da Cosmopolítica trazem para a arena do debate também a agência dos não-humanos ao investigar e esclarecer o fato de que com-pomos e construímos mundos habitáveis conjuntamente. No entanto, e de modo próximo às análises de Rentmeester, compreendem que a ação política humana não pode perder-se numa simetria com não-humanos, visto que a virada não-humana, e com ela a dissolução da oposição entre sociedade e natureza, pode nos distrair das possibilidades reais de “construire une opposition radicale, intentionnelle, populaire et internationale aux dégâts du capitalisme?”¹². Dito de outro modo, há que se inscrever a especificidade da ação humana na política. Trata-se também de reaprender com humanos e não-humanos os saberes e as técnicas de fazer mundos perdidos. O dano causado pelo homem pode e deve ser reparado conjuntamente com a natureza, ainda que muitas vezes uma floresta não precise de nossa ajuda para se recriar, ou ainda que apenas desde uma ação humana intencional possa ser possível conhecer e amplificar os poderes não-humanos em prol de uma ação política conjunta.

Fionn Bennett, em seu artigo **The Cosmopolitical Applications of “the Spiritual” in Animist Cultures and their Relevance to the Environmental Humanities Today** parte de uma crítica ao “parlamento das coisas” de Bruno Latour para recepcionar nos estudos sobre mudanças climáticas o que ela chama de “the spiritual”, um campo de compreensão sobre a cosmonomia das comunidades tradicionais e animistas: “‘cosmonomy’. This latter stipulated that everything in the universe has a time, place, nature and function that is appropriate for it to occupy because doing so complemented the time, place, nature and function of all the other beings it shares the cosmos with”¹³. A crítica bastante pertinente de Bennett refere-se ao fato de que a cosmopolítica de Latour, enquanto pensa absorver as demandas e injunções dos humanos e não-humanos para formular resolução relativamente à emergência climática, pressupõe a participação de agentes “civilizados”, “who are “enlightened” and “cosmopolitan” enough to recognise the importance of compromise and tolerance. A stipulation that entails the exclusion of the benighted “mono-naturalists” who

¹² Idem, p. 139-140.

¹³ BENNETT, Fionn. The Cosmopolitical Applications of “the Spiritual” in Animist Cultures and their Relevance to the Environmental Humanities Today. In *DasQuestões*, v.13, n.1, dezembro de 2021. p. 162.

might try to influence the outcome of the negotiations with sectarian preconditions and redlines”¹⁴; e, portanto, exclui de modo explícito uma *outridade* - como a da transcendência - que não poderia sentar-se à mesa numa grande mesa de negociações, dando o privilégio de resolução ao *homosapiens*. Também, segundo a autora, as críticas de Latour ao que Rentminsteer chamou de “niilismo tecnológico” são inexistentes, uma vez que ele imagina que apenas com a evolução desta tecnologia será possível prevenir os efeitos colaterais do uso destas mesmas tecnologias. Ademais, para ela, as soluções apresentadas pela “compositionist cosmopolitics” de Latour e pela rede de pesquisadores com os quais ele trabalha buscam resoluções para o ecocídio do mesmo modo como Nero lidou com o fogo em Roma. Assim, o espiritual deve ser visto como uma possibilidade de aprendizagem tanto para modos de existência quanto para modos de lidar com o outro-que-humano ambiental (“man-nature relationships”). Neste sentido, penso que Bennett estaria com Hilan Bensusan¹⁵ e sua construção de uma cosmologia estereoscópica que absorva uma metafísica dos outros não enquanto uma essência dada por uma identidade de grupo, mas como uma memória, um espectro, possibilidades de abertura para o mundo que vêm aferidas por diferentes cosmonomias.

A proposta que nos faz Jarrad Reddekop em seu artigo **Relational Care contra Nihilism: An Exploration alongside Amazonian Kichwa Thinking**¹⁶ está também em consonância com àquela apresentada por Bennett. Como bem demonstra o exemplificativo título, Reddekop apresenta-nos uma possível leitura da diagnose do niilismo (“In other words, one place nihilism leaves us is with the breaking down of a particular kind of atomistically-constituted self into a suicidally world-destroying will to power, whose core affective gestures are of anger and rage”¹⁷), e de sua “cura” no pensamento de Nietzsche, para então apresentar-nos o perspectivismo quíchua e a espiritualidade que lhe é concernente enquanto intensificação das diferentes relações entre humanos e não-humanos, nomeadamente passível de se contrapor ao atomismo gestado pelo liberalismo moderno. Para Reddekop, o pensamento quíchua nos auxilia na compreensão de porque o niilismo significa mais do que nunca um fator de empobrecimento das nossas relações com a natureza e a conseqüentemente catástrofe ambiental a que assistimos. A terra que estamos perdendo lá fora já é uma que estamos perdendo aqui dentro, por meio de um *self* enfraquecido pelo enfraquecimento do cultivo das relações que extrapolam aquela entre humanos, e bem uma cosmologia que compreenda a relação tempo-espaço como fonte da lei e da normatividade,

¹⁴Idem, p. 156.

¹⁵BENSUSAN, Hilan Nissior. *Cosmopolitics as a Taste for Cunning The Plural of the Otherwise and the Principles of Stereoscopy*. In **DasQuestões**, v.13, n.1, dezembro de 2021. p. 30-45.

¹⁶REDDEKOP, Jarrad. *Relational Care contra Nihilism: An Exploration alongside Amazonian Kichwa Thinking*. In **DasQuestões**, Vol. 13, n.1, dezembro de 2021, p. 75-103;

¹⁷Idem, p. 90-91.

corroborando o argumento de Bennett sobre o fato de que o medo que se tem do “Spiritual” é antes um preconceito bastante moderno. Ela sintetiza a questão do seguinte modo:

If animism and perspectivism are not only sets of beliefs but also modes of perception immanent to relations with earthen beings and forces, are they something that we do? If so, does that mean we can't understand them unless we do them?" If we linger, therefore, less with an enumeration of “beliefs” than with trying to explore and learn from this doing, what emerges is perhaps rather a more exploratory invitation to re-worlding that fore grounds different modes of attunement and participation within the interactive fields of emplaced existence. And such explorations can begin, arguably, from *wherever we are*¹⁸.

Ainda que atrasemos o fim do mundo com a produção de novos mundos existentes, atuais, tecidos e comentados pelos artigos, são essas ações razoáveis para impedir o aprofundamento do Capitaloceno?

O provocativo artigo de Frédéric Neyrat, **Dismantling the World: The Capitalocene, Effective Constructivism, and the Inhuman**¹⁹, não nos propõe construir mundo novos. Já nos utilizamos da metafísica da subjetividade - intentamos fazer do mundo a imagem e semelhança do homem - já nos valem dos discursos de que a suposta progressividade civilizacional se seguiria à progressividade técnica, mas o único que colhemos foi a destruição inevitável deste mundo. A tal envelhecido intento Neyrat denomina de “construtivismo efetivo”, perspectiva ontológica que jaz na persistência em continuar a produzir um lugar de simetria entre os humanos e os outros-que-humanos, os mais-que-humanos, os não-humanos, os inumanos. A impossibilidade da simetria reside no fato de que o Capitaloceno produziu a abstração dos poderes da natureza, e em assim sendo, ela é tida quase que apenas como energia para a grande máquina. Tal estado de coisas não se altera apenas por um desejo da vontade humana que, como visto da discussão nos artigos anteriores, será manipulada desde um parlamento das coisas ou escamoteada enquanto mais uma das agências, quando ainda é, em verdade, a mais poderosa delas. Precisaríamos pensar tais agências de modo menos ingênuo, como nos demonstra Balaud e Chopot, ou deixar de pensá-las em absoluto. Neyrat propõe então que tomemos “esses outros” como entes assimétricos relativamente aos humanos, como o inumano: isso nem é apenas o incomensurável na natureza nem uma especulativa ancestralidade. Isso, o inumano, é aquilo que não pode ser capturado, nem conquistado, nem pode se sentar em uma mesa de negociações, mas bem reside como o não subsumido no Capitaloceno, a

¹⁸ Idem, p. 100.

¹⁹ NEYRAT, Frédéric. Dismantling the World: The Capitalocene, Effective Constructivism, and the Inhuman. In *DasQuestões*, Vol. 13, n.1, dezembro de 2021, p. 2-11

energia de produção de vida não utilizada pela máquina, aquilo que se encontra lá fora, mas que só pode ser reconhecido por que reside também em uma realidade interior. No entanto, é preciso garantir-lhe uma realidade ontológica própria a despeito de qualquer necessidade de relação e de perspectiva de construção de novos mundos humano-não humano. O inumano nos salva de uma falsa assimetria e nos encaminha para um processo reverso, a coragem de desmantelá-lo, “un-world”:

This unfailing negativity does not incite us to do something, but to undo what exists, to leave a place to the unconstructable against any attempt to construct something with it. The inhuman is what in us refuses – partially or totally – the future oriented humanist process of becoming, a process that is also at play in posthumanism²⁰.

Não do pós-humano tecnologicamente combinado nem do niilismo inumanista de um filósofo como Reza Negarestani, mas talvez mais próximo da cosmologia estereoscópica dos espectros, como nos diz Hilan Besusan, confiante num mundo que vem pelo fim deste mundo, e quem sabe também afinando o ouvido para o “Spiritual”. Reificar a ideia de construção de mundos sem contarmos com o que é da ordem do inumano é, pois, retornarmos à demanda do humanismo iluminista progressista. Segundo o autor, isso já foi tentado e se chama Antropoceno. Com Donna Haraway, Neyrat propõe que (...)

That such political perspectives not only require constructing and com-posing new possibilities, but also recognizing a dimension of impossibility, something I like to call the unconstructable. It is indeed the unconstructable, that is to say something that cannot be constructed, that urges us to de-grow, to decelerate, and to create – why not? – a Compostist International Movement²¹.

No belo e espirituoso ensaio de Cédric Mong-Hy denominado **Le Jardin de l’Empire ou le malicieux bestiaire de l’histoire. Des animaux, des champignons et des pirates**²², o autor nos apresenta algumas teorias já muito conhecidas sobre uma história teleológica herdada de Hegel, mas desde as interpretações de Kojève e de Marx. Dito de outro modo, por quais meios a história nos conta sobre o desaparecimento do humano em sua suposta relação dialético-negativa com a natureza, ou ainda em que termos o fim hegelio-kojevo-marxista da história, àquele em que o devir

²⁰Idem, p. 8.

²¹ Idem, p. 6.

²²MONG-HY, Cédric. Le Jardin de l’Empire ou le malicieux bestiaire de l’histoire. Des animaux, des champignons et des pirates. In *DasQuestões*, v.13, n.1, dezembro de 2021. p.104-135

animal no humano daria lugar à sua aspiração humanista máxima, estaria a caminho ou já consolidado. No entanto, se para Agambem o capitalismo não tem telos e se desenrola entre profundas e renovadas crises não haveríamos de aguardar pelo fim, nem da história hegeleomarxista, nem da chegada de uma sobrenatureza humana à la Nietzsche que seria “capable d’incarner l’immanence de cette mutation”²³. Mas Mong-Hy gostaria de buscar saídas das teorias que não nos deixam saídas, uma vez que: “après tout, interroger les ‘mondes possibles’, c’est interroger le sens de l’histoire, ou du moins les directions qu’elle est capable de prendre, s’il est possible de les détecter”²⁴. Mong-Hy propõe-se então a pensar desde um bestiário muito próprio outra máxima que não a que diz “on s’imagine aujourd’hui plus facilement la fin du monde que celle du capitalisme”²⁵, sempre em atendimento a um ideal utópico. Daquilo que quase nada sabemos sobre os fungos, Mong-Hy nos diz, ainda sabemos o suficiente sobre porque deveríamos mudar o paradigma sobre a “vida” e o “vivente” abandonando a ideia de uma constituição por *autopoiesis* por uma *simbiopoiesis*. Esta teia “d’interrelations et d’enchevêtrements” a que chamamos vida, e cuja bioantropologia fora renovada por pessoas como Tim Ingold e Anna Tsing, nos mostra que a observação dos fungos micorrízicos, e suas ações indeterminadas, como nos lembra Anna Tsing, não representa uma dialética de morte em busca do reconhecimento, mas a origem de tudo o que há e, claro, de outra figura de um possível bestiário, “o jardim”. Ainda os piratas, antecessores dos anarquistas e predecessores da real democracia, de uma que questiona o poder econômico do Império e seu complexo político-técnico-científico, seu poder de escravização dos corpos, os piratas que viveram soluções justas para o mundo que viram nascer com a modernidade capitalista, o pirata não almeja trocar uma totalidade por outra, um império por outro, o pirata enquanto uma figura do banditismo social, (...)

Si le pirate fustige et attaque l’Empire, il ne cherche pas réellement à pirater l’Impirable, c’est-à-dire à réparer « l’Irréparable », car ces opérations sont au fond pour lui hors de propos. Ce n’est pas faute de possibilités (encore une fois les idées NE manquent pas), ni forcément faute de l’impossibilité intrinsèque d’intervenir dans Le système emballé, c’est plutôt l’intuition comme clastrienne que ‘la multiplicité singulière’ de la piraterie doit son in division formidable fait de refuser de prendre la place de ‘l’un’ arraisonnant et aplanissant. Car le pirate, s’il renversait l’Empire, ne donnerait alors naissance avec le temps qu’à un nouvel

²³Idem, p. 112.

²⁴Idem, p. 107.

²⁵Idem, p. 132.

‘Un’ totalisant, renforcé dans son immunité par son origine pirate toujours remise en avant.²⁶

Os piratas e os fungos são nossos atuais paradigmas para os “mundos de possibilidades”.

Até agora, os artigos que compõem este número não se contentaram em nos apresentar as possíveis relações e composições bioquímicas entre humanos e não-humanos, e menos ainda depositaram na alegação de uma realidade ontológica aos outros-que-humano qualquer solução otimista para o fim do mundo, mas ao complexificarem o entendimento extra-moderno de cada um dos pólos desta equação, abrem-se para o mundo que irremediavelmente nos chega. Neste sentido, o artigo de Hilan Bensusan, **Cosmopolitics as a Taste for Cunning: The Plural of Otherwise and the Principles of Stereoscopy**²⁷, intenta enquanto uma atitude de suspeita relativamente à suposta transparência da metafísica da presença pensar por meio de princípios estereoscópicos uma metafísica dos outros; antes que uma sistematização, Bensusan segue na trilha daquilo que se mostra plausível de ser trazido ao jogo das múltiplas leituras cosmopolíticas - “what interests me here is to think how a mode of existence prepares others – how what takes place in one mode of existence prepares what could take place in others”²⁸. O autor elege assim algumas destas histórias contadas pelo cosmos: ecologia das práticas, cuja inspiração encontra-se na obra de Isabelle Stengers, antropologia da natureza como desenvolvida inicialmente por Philippe Descola, a história do *seer* (being) – que é seguida pela história da metafísica ocidental enquanto a história do ser (*being*) ou da (*physis*), mitonarrativa desenvolvida por Martin Heidegger -, a espectrologia como encontrada em autores como Fabián Ludueña e Saidyia Hartman e, finalmente, a economia geral de Gerge Bataille. Ao considerar novas alianças em uma ecologia das práticas e suas diferentes epistemes, des-naturalizar o natural e absorver não apenas os animismos, mas novas perspectivas em relação à humanidade, ao corpo e a ideia de natureza, recolocar a memória, os fantasmas e espectros enquanto produtores de uma política invisível, e, finalmente, preparar o mundo para um pensamento sem fundamento - um segundo começo - Bensusan expande a concepção de Cosmopolítica para além daquilo que não fora inicialmente considerado pela metafísica ocidental enquanto matéria de compreensão e extração. Ao considerar esses outros o que ele procura é nada

²⁶MONG-HY, Cédric. Le Jardin de l’Empire ou le malicieux bestiaire de l’histoire. Des animaux, des champignons et des pirates. In *DasQuestões*, v.13, n.1, dezembro de 2021. p. 130-131.

²⁷ BENSUSAN, Hilan Nissior. *Cosmopolitics as a Taste for Cunning The Plural of the Otherwise and the Principles of Stereoscopy*. In *DasQuestões*, v.13, n.1, dezembro de 2021. p. 30-45.

²⁸Idem, p. 33.

menos que afinar os ouvidos para o que está sendo preparado com o niilismo e a subsequente degradação ambiental, afinal, “Cosmopolitics requires multiple eyes. The required plurality is that of a capacity to view possibilities coming by engaging with a transversal looking glass. This stereoscopy is what makes it possible for the plural of the otherwise to be in view²⁹.”

Para fechar as breves digressões sobre os artigos que compõem esse número, ficamos com uma última provocação feita pelo editor Carlos A. Segovia e pela editora Sofya Gevorkyan, em artigo escrito conjuntamente que dá nome ao presente volume, **From Worlds of Possibles to Possible Worlds – or, Dionysus and Apollo after Nihilism**³⁰. Ao apresentar-nos uma história do pensamento da filosofia ocidental, Gevorkyan e Segovia concluem que o pensamento contemporâneo tem sofrido de um dualismo doente degenerado por uma distorção das figuras apolíneas e dionisíacas. O despotismo apolíneo, às vezes chamado de totalitarismo (“regime of authoritarian *overdetermination*”³¹), remete à corrente filosófica identificada com a ideia de que ao procurarmos conhecer o mundo, em perseguição a *physis*, como diria Heidegger, o pensamento gestado pela metafísica e suas indiscutíveis categorias (God,” “Man,” the “State,” “Class Struggle,” the “Free Market,”) restringiria as coisas a instrumentos prontos à extração, removendo “all reality and relationality”, como se, portanto, o uso desses transcendentais equivalece a ideia de que a realidade não pudesse ser apreendida de modo algum com o risco de ser reduzida. Neste sentido, observa-se tanto uma desconfiança relativamente à dita metafísica da presença enquanto uma realidade desde sempre existente no pensamento ocidental, mas também como impeditora de toda e qualquer existência de outros mundos de possibilidades. De modo não totalmente casual, o despotismo dionisíaco ou anárquico (anarchic underdetermination), mormente relacionado aos herdeiros de Deleuze (“deconstructionist,” “neo-cynical,” “object-oriented,” “anti-correlationist,” etc.), ao problematizarem a ideia de ser em detrimento da diferença, reduziram-na ao indeterminado e contingente, àquilo que ao possuir existência por si mesmo nem se relaciona nem se assemelha (“deprives all things of consistency and links them no matter how”³²) nem pode imbuir-se de um “worlding process”. O pensamento da diferença ao modo do estruturalismo de Lévi-Strauss, ao contrário, pensa a diferença e não o singular enquanto o irreduzível. Em sendo assim, repõe novamente as determinações e relega à diferença o espaço daquilo que pode se assemelhar e se relacionar entre si.

²⁹Idem, 43.

³⁰GEVORKYAN, Sofya; & SEGOVIA, Carlos A. From Worlds of Possibles to Possible Worlds – or, Dionysus and Apollo after Nihilism. In *DasQuestões*, Vol. 13, n.1, dezembro de 2021, p. 46-74

³¹Idem, p. 48.

³²Idem, p. 49.

If the Rabbis once spoke of ‘two powers in heaven’, Dionysus and Apollo can be seen, then, as the earth’s twin powers. Furthermore, *their reciprocal or structural presupposition opens up the chance of turning difference, rather than singularity, irreducible, and, thereby, of making of the relational co-implication of that which differs the ultimate principle of the articulation of reality. This and no other is the original intuition of structuralism.*³³

Como fazer mundos ou “re-world them” se desde o medo do totalitarismo não pudermos circunscrever nada do que a coisa é ou pode vir a ser, como deixar de fazê-lo se receamos circunscrever qualquer coisa da diferença como se ela não existisse em relação a algo e fosse antes um erro de determinação, “as an unwarranted logical threat to the possible”³⁴.

Convido leitoras e leitores a lerem o texto poético-celebratório que festeja Gaia, **Cosmic hail**³⁵, de Bronislaw Szerszynski, e o texto propositivo-estético-criativo de Aha Else Enola **Yenkoni's Swiveltropy cosmo-commu-capitalism STCCC STCx3 ST3C S3C SEC STEC SETC 573C 53C CES CTES CETS CCCTS**³⁶, texto que se propõe a pensar um *relacionar-se com* enquanto *co-ação*, a fim de explorar novas linguagens e novas formas de vida.

Termino apresentado algumas das inquietações surgidas ao longo da leitura e da produção deste resumo com o intuito de permitir que nossas reflexões e diálogos sobre “os mundos de possibilidades” possam também estar em consonância com algumas das injunções colocadas, de modo difuso, pelo pensamento do *sul*.

Primeiramente, pareceu-me bastante interessante pensar a agência humana como assimétrica em relação aos outros-que-humanos, por mais de um motivo apresentado nos textos de Neyrat, Rentmeester etc. Daí a escolha, em muitos dos textos analisados, pela escolha do termo Antropo-ceno ao invés de Capitalo-ceno, ou Plantatio-ceno. No entanto, a literatura que questiona a ação do *anthropos*, não o faz renegando a importância da agência humana, mas o faz devido ao fato de que uma porcentagem muito pequena da humanidade encontra-se nas engrenagens de produção do capital e do usufruto de seus produtos - a quase totalidade da humanidade, e bem, do mundo

³³Idem, p. 63.

³⁴Idem, p. 51.

³⁵ SZERSZYNSKI, Bronislaw. CosmicHail. In DasQuestões, v.13, n.1, dezembro de 2021. p. 166-168

³⁶ENOLA, Aha Else. Yenkoni'sSwiveltropycosmo-commu-capitalism STCCC STCx3 ST3C S3C SEC STEC SETC 573C 53C CES CTES CETS CCCTS. In DasQuestões, v.13, n.1, dezembro de 2021. p.169-189

natural, resta às margens enquanto “acumulação capitalista”³⁷, como dirá Denise Ferreira da Silva, e pode nem mesmo ser contabilizada no cálculo de valor.

O niilismo é antes de mais nada um capitalismo-colonial que impacta o modo como lidamos com os outros-que-humanos, e também com as formas de vida que se extinguem, não com “o fim deste mundo” – como todos nós queremos – mas com o fim inevitável de toda a diversidade humana e não-humana existente no planeta. Não beberemos apenas “toda a água do mar”, mas, como bem diz Hilan Bensusan, estamos a preparar talvez apenas a “infância das máquinas”³⁸. Lidamos ou não com isso, essa é uma realidade que se concretiza velozmente, levando consigo o verdadeiro “re-encanto do mundo”, e não seja aquele forjado por uma moda alimentar ou de consumo, como bem nos lembra Mong-Hy. Mas apenas daquele que nem pode pensar novas soluções de usufruto da terra desde um respeito à *physis*, porque talvez tais soluções estejam limitadas a determinado contexto geopolítico e social, e, também não possuem alternativa que defender suas terras e seus mananciais. Concordamos que não é mais possível, nem desejável quebrar as máquinas, essa também não é uma questão sobre os dispositivos de seguridade social, “terra, solo, sangue”, mas sobre mundos de possibilidades atuais, já existentes, em comunidades feministas bolivianas, em comunidades rurais na Nigéria, entre os ribeirinhos amazonenses e as comunidades ditas tradicionais, como a indígena e quilombola no Brasil.

O mundo dos fungos, a vida dos piratas, o perspectivismo quíchua, todos nos mostram novos paradigmas de sociabilidade entre humanos e não-humanos. Ainda faltaria compreendermos em que medida elas podem fazer frente ao niilismo capitalista, em que medida não seremos todos, engolidos, literalmente, pela água do mar, antes de terminarmos de bebê-la. Dito de outro modo, em que medida o atendimento à *physis* nos abrem novas possibilidades de re(exis)tência frente à catástrofe que se avizinha, em que medida tais soluções podem atender ao sul global, de que nos valerá a assunção de *outras* ontoepistemes como nas discussões sobre “cosmonomia” ou “perspectivismo”, quando nada mais restar a ser compartilhado? Será que nos resta, então, subscrevermo-nos a um movimento internacional composicionista, mas já não sabemos a quem se dirigem as solidariedades internacionais? Disso não se conclui que os mundos de possibilidades aqui já neste mundo não podem nos abrir a um novo começo, como nos exorta Hilan, com Heidegger, mas haverá tempo hábil enquanto ainda continuarmos a nos “esquecer” de que existimos em relação – figura cara ao filósofo Édouard Glissant – e de que as benesses de alguns

³⁷DA SILVA, Denise Ferreira. *Toward a global idea of race*. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2007.

³⁸Bensusan, Hilan. Los partidos cosmopolíticos del paraíso artificial y de la infancia de las maquinas. *DasQuestões*, Vol. 08, nº01, abril, 2020, p. 52-67.

seja a miséria da maioria, e de que, esperamos viver nas ruínas, juntos, e não abandonados pelos que podem fugir para *Elysium*. E se restarem apenas os espectros, farão bom uso deles as máquinas?

Embora propostas como a de Neyrat e de Bensusan se mostrem não apenas razoáveis, mas também sedutoras, penso que haveríamos ainda de afinar os ouvidos em suspeição para aquilo que talvez nos encaminhe a algum tipo de quietismo. Dito isso, tenho certeza de que a busca por soluções humanistas e transparentes seja antes uma falácia, como bem aponta Neyrat. Mas, no entanto, não é esta ainda a tarefa do pensamento, abrir-nos aos mundos de possibilidades? E talvez aí a provocação de Segovia e Gevorkyan seja bastante interessante: é preciso ainda poder pensar, as categorias e os mundos, mesmo correndo o perigo do excesso da norma. Precisamos novamente ter coragem de dizer o que a coisa é, embora ela deixe de ser logo a seguir. É preciso, pois, não abandonarmos a metafísica, a “metafísica dos outros”. Disso não se conclui que a tarefa de descolonização do pensamento – alardeada aos quatro cantos do planeta – tenha deixado de ser uma retórica, pois, se assim o fosse, ainda estaríamos buscando nas teorias hegelianas o fim da história? Se a diferença deve ser vista antes enquanto um irreduzível, como nos lembra os editores deste volume, seria essa uma categoria suficiente para aventarmos mundos de possibilidades ou, antes, correríamos o risco de novamente reificarmos o ser e o outro?

O mundo já se acaba para nós, os não-brancos, já vivemos vários genocídios nas favelas brasileiras, já assistimos à exterminação dos nossos jovens negros, diariamente nos jornais, nas ruas, e, muitas vezes, na porta de casa; assistimos ao desmantelamento de civilizações milenares como a iraquiana ou o arrasamento de capitais culturais como Damasco, na Síria. Já vivemos em um mundo sem Democracia e anti-democrático, já perdemos centenas de milhares de vítimas para a pandemia de Covid-19, já nos falta água para o mínimo necessário. A crítica à metafísica é bastante necessária, mas ainda mais o é conseguirmos abolir a ideia de que os seus *outros* sejam apenas um binarismo inventado pelo pensamento ocidental. Abolir os universais é também abolir os particulares e toda a escala do Ser, como diria Glissant³⁹. É, portanto, talvez, relegar a importância da *diferença* às políticas públicas de Estado, mas compreendendo que enquanto estivermos dentro de uma escala de valor capitalista, ainda só participaremos da engrenagem como carne de moenda. É, pois, como nos diz Denise Ferreira da Silva⁴⁰, abolir a racialidade e todo o regime jurídico,

³⁹ GLISSANT, Édouard. Pela Opacidade. *Revista Criação & Crítica*, nº 1: 2008, p. 53-55.

⁴⁰ DA SILVA, Denise Ferreira. *Toward a global idea of race*. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2007.

político, econômico e social que permite a uma pequena parcela da humanidade sonhar com mundos de possibilidades. Ainda.

WORKS CITED:

- ENOLA, Aha Else. *Yenkoni's Swivel trophy cosmo-commu-capitalism STCCC STCx3 ST3C S3C SEC STEC SETC 573C 53C CES CTES CETS CCCTS*. In **DasQuestões**, v.13, n.1, dezembro de 2021. p.169-189;
- BALAUD Léna; & CHOPOT, Antoine. *Suivre la forêt: Une entente terrestre de l'action politique*. In **DasQuestões**, v.13, n.1, dezembro de 2021. p.136-149.
- BENNETT, Fionn. *The Cosmopolitical Applications of "the Spiritual" in Animist Cultures and their Relevance to the Environmental Humanities Today*. In **DasQuestões**, v.13, n.1, dezembro de 2021. p.150-165;
- BENSUSAN, Hilan Nissior. *Los partidos cosmopolíticos del paraíso artificial y de la infancia de las maquinas*. **DasQuestões**, Vol. 08, nº01, abril, 2020, p. 52-67.
- _____. *Cosmopolitics as a Taste for Cunning The Plural of the Otherwise and the Principles of Stereoscopy*. In **DasQuestões**, v.13, n.1, dezembro de 2021. p. 30-45.
- DA SILVA, Denise Ferreira. *Toward a global ideia of race*. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2007.
- _____. "Para uma poética negra feminista: a busca/questão da negridade para o (fim do) mundo" [2014]. In: da SILVA, Denise Ferreira. *A dívida impagável*. Trad: Amilcar Packer e Pedro Daher. São Paulo: Forma Certa, 2019. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>.
- GEVORKYAN, Sofya; & SEGOVIA, Carlos A. *Foreword*. In **DasQuestões**, v.13, n.1, dezembro de 2021. p. 1.
- _____. *From Worlds of Possibles to Possible Worlds – or, Dionysus and Apollo after Nihilism*. In **DasQuestões**, Vol. 13, n.1, dezembro de 2021, p. 46-74;
- GLISSANT, Édouard. *Pela Opacidade*. **Revista Criação & Crítica**, nº.1: 53-55, 2008.
- MONG-HY, Cédric. *Le Jardin de l'Empire ou le malicieux bestiaire de l'histoire. Des animaux, des champignons et des pirates*. In **DasQuestões**, v.13, n.1, dezembro de 2021. p.104-135;
- NEYRAT, Frédéric. *Dismantling the World: The Capitalocene, Effective Constructivism, and the Inhuman*. In **DasQuestões**, Vol. 13, n.1, dezembro de 2021, p. 2-11;
- REDDEKOP, Jarrad. *Relational Care contra Nihilism: An Exploration alongside Amazonian Kichwa Thinking*. In **DasQuestões**, Vol. 13, n.1, dezembro de 2021, p. 75-103;
- RENTMEESTER, Casey. *How Could We Drink Up the Sea? Technological Nihilism and Dwelling*. In **DasQuestões**, v.13, n.1, dezembro de 2021. p. 12-29;
- SZERSZYNSKI, Bronislaw. *Cosmic Hail*. In **DasQuestões**, v.13, n.1, dezembro de 2021. p.166-168;
- TSING, Anna Lowenhaupt. *Strathern além dos humanos: testemunhos de um esporo*. In **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.